

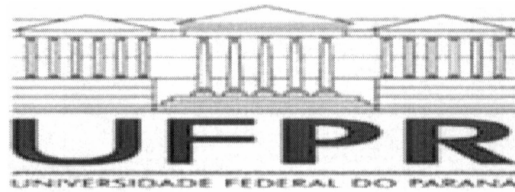
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
COORDENADORIA DE INTEGRAÇÃO DE POLÍTICA DE EDUCAÇÃO À
DISTÂNCIA
SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

HERYKA JANINA ROZA PEREIRA DA SILVA MONTEIRO

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: RESGATAR A CIDADANIA

IBAITI-PR.

2011



HERYKA JANINA ROZA PEREIRA DA SILVA MONTEIRO

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: RESGATAR A CIDADANIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Saúde para Professor do Ensino Fundamental e Médio da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Elizabeth Bernardino

IBAITI-PR.

2011

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1. Violência e causas da Violência	12
2.2. Teoria do Desenvolvimento Emocional na Adolescência	12
2.3. A Violência: Natural ou Socionatural ?	17
2.4. Mídia e Violência	18
2.5. Violências no ambiente escolar	20
2.6. A Violência nas Escolas e o desafio da Educação para a Cidadania	23
2.7. Como enfrentar as situações de Violências	25
2.8. As Leis da Educação e das Infrações	26
3. METODOLOGIA	28
3.1. Local da Intervenção	28
3.2. Sujeitos da Intervenção	28
3.3. Trajetória da Intervenção	29
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
APÊNDICE	41
APÊNDICE I	47
ANEXOS	52

Dedico este trabalho a Deus e ao meu esposo Júlio que me incentivou para que pudesse dar continuidade a este.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que eu tenho certeza que está sempre ao meu lado e que nesta caminhada de dezoito meses sempre esteve ao meu lado dando-me sabedoria, paciência e ânimo para continuar. Obrigado meu Deus...

As minhas filhas amadas Heryadne e Hallana, com quem compartilhei meus momentos de dificuldade e que pude nestes momentos instruí-las para que possam no futuro seguir adiante os caminhos que direcionei .

Ao meu marido Júlio que nas horas mais difíceis pôde me entusiasmar, fazendo com que eu me animasse e pudesse recontinuar e não desistir.

Aos colegas de turma, que nas horas de dúvida ajudaram-me a superá-las contribuindo para o alcance perfeito do trabalho.

Em especial á minha amiga Andréa que pelo seu total conhecimento em projetos pode me orientar com toda paciência e conhecimento, e que ouviu as minhas lamentações e dúvidas e até desespero quanto às datas previstas. Que Deus a ilumine e a abençoe.

"As pessoas que vencem neste mundo são as que procuram as circunstâncias de que precisam e, quando não as encontram, as criam." (Bernard Shaw)

MACHADO, H.R.P.R. **Violência na Escola: Resgatar a Cidadania**. 2011. Monografia (Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio) – Universidade Federal do Paraná.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo pensar sobre algumas questões relativas ao desenvolvimento emocional do adolescente e a violência que envolve os jovens nos dias atuais. O presente trabalho contribuirá para que os professores do Ensino Fundamental possam pensar e estruturar sua prática cotidiana sob uma perspectiva crítica, contextualizando sobre a violência para que possam contribuir na formação de um cidadão crítico. Trata-se de um trabalho de intervenção, desenvolvido no Colégio Estadual Antonio Martins de Mello – Ensino Fundamental e Médio, mantido pelo Governo Estadual, no município de Ibaiti tendo como sujeitos 27 alunos da quinta série do Ensino Fundamental. A intervenção foi realizada e um período de três meses, no período vespertino, em cinco momentos: no primeiro realizou-se a apresentação do projeto aos alunos. No segundo os alunos assistiram um vídeo pela professora na televisão, descrevendo depois um texto com o tema da lousa: “Violência do jeito que está não dá pra ficar”. No terceiro momento, os alunos assistiram um vídeo retirados do Youtube sobre a “A Paz”, onde puderam criar uma paródia com tema Paz na Escola a partir da melodia da música. No quarto, trabalhei o exercício de percepção: Como a violência aparece na TV? Através da violência também é gerada por uma série de atitudes que estimulam posturas de discriminação, de agressividade desmedida e injustificada. No quinto, momento junto aos alunos trabalharei em grupo: desenhos e palavras, perguntando a eles o que representa a violência para você, livros, recortes de jornais e revistas, pesquisas na internet, relatando o que assimilaram nos encontros anteriores. Os cartazes foram pregados na parede da sala. Como resultado, foi possível identificar a necessidade dos alunos em ter informações sobre os tipos de violência, notou-se que a grande participação dos alunos através das perguntas que trazem importantes pistas para a compreensão de como os jovens lidam com a violência: para alguns, as violências se apresentam comuns e banalizadas, para outros como consequência da discriminação racial e da exclusão social, são vários os que se identificam como violências as que causam danos físicos, mas há os que reconhecem como tal aqueles que provocam dor, medo, tristeza, baixa auto-estima, desvalorização e não reconhecimento da dignidade como que todos merecem ser tratados. Conclui-se que o objetivo do estudo foi alcançado, e que houve mudanças positivas na escolha deste projeto, uma vez que os alunos se conscientizem dos problemas e desigualdades, possibilitando gerar solidariedade para combater a violência, melhorando a relação da escola com a comunidade, depositando uma responsabilidade no tratamento da violência, mediante a criação de um ambiente de cooperação e que valorizem e mantenham o patrimônio da escola, o qual passa a ser visto como um bem coletivo.

Palavras-chave: escola, violência

MACHADO, H.R.P.R. School Violence: To rescue Citizenship. 2011. Monograph (Specialization in Health for Teachers of Primary and Middle) - Federal University of Paraná.

ABSTRACT

This research aims to think about some issues relating to the emotional development of adolescents and violence involving young people today. This work will contribute to that elementary school teachers can structure their thinking and daily practice in a critical, contextualizing the violence to which they can contribute to the formation of a critical citizen. The objective was to develop research and observation on violence in the school where the fifth-graders had a great acceptance on the proposed theme proved to be able to mount an intervention. This is an intervention program, developed in the State College Antonio Martins de Mello - Elementary and High School, maintained by the State Government, the municipality of Ibaiti the subjects were 27 students from fifth grade on. The intent was performed and a period of three months, in the afternoon, on five occasions: the first was held to present the project to students. In the second students watched a video by the teacher on television pendrive, after describing a text with the theme of the blackboard: "Violence is not the way it gives to stay." In the third phase, the students watched a video removed from Youtube on the "Peace", where they could create a parody-themed Peace School from the melody of the song. In the fourth, worked the exercise of perception: As violence appears on TV? Through violence is also generated by a series of attitudes that foster attitudes of discrimination, unreasonable and unjustified aggression. In the fifth, when the students will work together in groups, drawings and words, asking them what violence represents for you, books, clippings from newspapers and magazines, internet searches, reporting what was assimilated in previous meetings. The posters were nailed to the wall of the room. As a result, we identified the need for students to have information about the types of violence, it was noted that the large student participation through questions that provide important clues for understanding how young people cope with violence: for some, the violence were found common and trivial, for others as a result of racial discrimination and social exclusion, there are many who identify themselves as the violence that causes physical harm, but there are those who recognize it as such those that cause pain, fear, sadness, low self-esteem, devaluation and non-recognition of the dignity that everyone deserves to be treated. We conclude that the objective was achieved, and that there were positive changes in the choice of this project, since students aware of the problems and inequalities, enabling generate solidarity to combat violence, improving the relationship between school and community, depositing a responsibility in the treatment of violence, by creating an environment of cooperation and to enhance and maintain the heritage of the school, which is seen as a collective good.

KEY-WORDS: school, violence.

1. INTRODUÇÃO

Falar em violência nos dias atuais não possibilita uma resposta a qual possa elucidar ou justificar esse fenômeno tão simplesmente. Deve-se considerar uma gama e fatores que contribuem a sua existência. Não há, até o momento atual, uma pesquisa que forneça dados numéricos cientificamente comprovados sobre a violência nas escolas.

A percepção da violência no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado; no passado, as análises recaíam sobre a violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra os alunos (punições e castigos corporais). Na literatura contemporânea, sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros especialistas privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade (vandalismo) e, em menor proporção de alunos contra professores e de professores contra alunos.

A ênfase de cada estudo depende daquilo que é definido como violência. Charlot e Émin (1997) referem-se á dificuldade em definir violência escolar, não somente porque ela desestrutura representações sociais que têm valor fundador, por exemplo, a idéia de infância (associada á idéia de inocência) e a de escola (compreendida como refúgio de paz).

Entretanto, os educadores sabem, pela experiência que lhes é somada no dia-a-dia escolar, que as escolas estão trabalhando, ensinando e aprendendo, e formando seus alunos. Os atos de violência acontecem, o número deles aumentou nas últimas décadas, como também aumentou o número de escolas e maior se tornou a população numericamente.

As violências macroestruturais como o desemprego, a miséria, a fome, a carência de serviços públicos, repercutem, na escola, sob a forma de indisciplina, descaso, dificuldade em aprender. A sociedade transfere para a escola a responsabilidade por uma demanda que seria de toda a sociedade e não unicamente da escola, como se a escola fosse o remédio para acabar com a violência, sem considerar que esta reflete de certa forma uma sociedade contemporânea violenta. Sendo assim, a escola violenta ou na escola temos as vítimas da violência, sejam elas alunos e profissionais da educação.

A discriminação vivenciada pelos jovens no seu cotidiano aparece em várias instituições sociais, nas escolas, não é diferente, esta violência se dá através do

preconceito e da discriminação que impedem o acesso á princípios defendidos pelos Direitos Humanos como: acesso a educação, cultura, lazer, políticas públicas para a criança e o adolescente.

Muitas destas situações dependem de intervenções que podem estar além da responsabilidade e da capacidade da escola como instituição, tendo um comprometimento da ação subjetiva dos profissionais da educação, um grande número de violências que ocorrem no ambiente escolar, é possível se fazer por diálogo. A relação entre escola e violência escolar, é atualmente uma realidade concreta, um problema mundial, e numerosos estudiosos que têm voltado suas pesquisas á discussão e compreensão deste tema (GASPARIN; LOPES, 2003). Portanto esta realidade ganha proporção ampliada pelo fato de que a escola poderia ser um espaço de construção e humanização do indivíduo e não ao contrário, a partir do momento em que a escola não consegue enfrentar a questão da violência não está cumprindo seu papel histórico, o de construir laços de sociabilidade humana, mas sociais e políticos.

O estudo nasceu a partir da experiência pessoal obtida através de ser professora de Geografia na Escola onde pude observar, neste sentido, a necessidade de ver que nem todas as escolas estão preparadas do ponto de vista estrutural e pedagógico para trabalhar a violência como um processo social junto à Equipe Pedagógica.

O problema central desta nossa pesquisa pode ser expresso por meio da seguinte questão: As escolas estão organizadas pedagogicamente para enfrentar o problema da violência atualmente?

Justificamos a intenção da pesquisa, que foi mostra que a violência tem sido tema de muitas discussões dentro da sociedade, por se tratar de um problema social em que as autoridades já não conseguem soluções imediatas, vê-se a possibilidade da união de forças para que se possam dar algumas alternativas que respondam às necessidades existentes, no que diz respeito à diminuição dos índices de violência apontados pelos meios de comunicação e por estudiosos do assunto.

Portanto este trabalho assume um papel ativo na conscientização da violência, passando por uma postura firme e pelo empenho nas atividades didáticas do corpo docente, pelo compromisso dos professores com o seu trabalho e pelo tratamento diferenciado entre os alunos de melhores e piores rendimentos

escolares. Quanto maior a perspectiva que o estudante vê para desenvolver-se na escola menos atos violentos ele comete.

Conseqüentemente o objetivo geral deste estudo é conscientizar para o problema de violência no contexto educacional. Como objetivo específico iremos promover reflexão sobre violência, junto á comunidade e a escola, procurando compreender o fenômeno e propor formas de intervenção e propor através das atividades pedagógicas ações concretas que possibilitem uma melhora no comportamento dos alunos.

É um projeto de intervenção cujas fases ou etapas são: a primeira estabeleceu um contato inicial sobre o tema Violência nas Escolas; segunda etapa foi explorado um vídeo que retrata a Violência, após assistirem o professor irá escrever na lousa as seguintes palavras: Atitude, Respeito, Consciência, Trabalho, ética, Solidariedade, Esperança, Justiça, Educação, Dignidade, Paz; terceira etapa trabalho com vídeos, quarta etapa trabalho com anúncios, filmes, novelas, programas e noticiário da televisão selecionando pelo menos três imagens de violência que sejam focalizadas por este meio de comunicação; quinta etapa: palestras com profissionais da área.

A seguir apresentamos algumas considerações finais referente ao projeto de intervenção, pode-se concluir que o objetivo do estudo foi alcançado, e que houve mudanças positivas na escolha deste projeto, uma vez que os alunos se conscientizem dos problemas e desigualdades, possibilitando gerar solidariedade para combater a violência, melhorando a relação da escola com a comunidade, depositando uma responsabilidade no tratamento da violência, mediante a criação de um ambiente de cooperação e que valorizem e mantenham o patrimônio da escola, o qual passa a ser visto como um bem coletivo.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. VIOLÊNCIA E CAUSAS DA VIOLÊNCIA

É impossível falar de violência sem compará-la a agressividade, comenta Chauí (1998, p. 34) que a violência abrange manifestações de coação, constrangimento, entre outros que produzindo de algum modo, opressão de um contra o outro ou um contra um ou até mesmo de todos contra todos.

De acordo com Waiselfisz (1998, p.159) a violência que mata e sangra seria marcas dos tempos atuais e não peculiar de uma classe social, pois a maioria das pesquisas são feitas em periferia acredita-se que violência=miséria e acrescenta:

Não há um tipo único de jovem. Os jovens da periferia apresentam descontentamento por exclusão social agravada, circunstancialmente de forma violenta, buscam reconhecimento e valorização como cidadão.

A maioria dos estudos feitos tende a indicar que na classe média os jovens passam por uma crise identitária da geração.

Para Cowie (2003,p.112) a diversidade das definições de violência indica como é difícil chegar a um acordo objetivo sobre a verdadeira natureza da situação, uma vez que o conceito possui diferentes níveis de significado dependendo da cultura, do período histórico, do gênero, da classe social e as vítimas podem ser indivíduos, objetos ou organizações, e os danos podem ser psicológica, física ou material.

A violência tem tirado o sono de muitos, mas para intervir é preciso compreendê-la e encarar o problema.

2.2. TEORIA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL NA ADOLESCÊNCIA

Para entendermos melhor porque a violência tomou conta também da parte acadêmica dos indivíduos é necessário que tenhamos conhecimento teórico do desenvolvimento emocional do adolescente.

Na puberdade o adolescente se questiona muito sobre sua identidade, perdendo o interesse pela família e passa os amigos em primeiro plano, complementa que as mudanças hormonais podem causar inesperadas alterações de humor e que as forças negativas do ambiente social podem explorar a

vulnerabilidade do jovem, tendo como facilidade em envolver-se em problemas como violência, drogas ou sexo sem segurança.

Jean Piaget elaborou uma teoria do desenvolvimento a partir do estudo da inteligência da criança e do adolescente. A sua teoria permitiu que se acabasse com a concepção de que a adolescência da criança era semelhante à do adulto, existindo entre elas mera diferença quantitativa, a inteligência precede o pensamento, desenvolvendo-se por etapas progressivas que exigem processos de adaptação ao meio. Deste modo, o desenvolvimento pressupõe a maturação do organismo, bem como a influência do meio físico e social.

Para compreendermos a teoria de Piaget, é necessário termos em conta alguns conceitos; segundo Piaget (1996, p.24)

Esquema→ em cada etapa de desenvolvimento está presentes esquemas mentais, que formam uma estrutura quando coordenados entre si. Adaptação→ a inteligência é uma adaptação ao meio ambiente, feita através da assimilação e da acomodação. Assimilação→ é o processo de integração dos dados da experiência nas estruturas do sujeito. Acomodação→ é a modificação constante das estruturas do sujeito para se adaptar aos novos elementos provenientes do meio. Entre a assimilação e a acomodação desenrola-se a coordenação que permite que ocorra o desenvolvimento intelectual progressivo. Organização→ o pensamento atua de forma organizada e de acordo com o meio, isto é, a adaptação ao meio conduz à organização do pensamento e o pensamento organizado estrutura melhor os objetos do meio. Estádios→ são fases ou etapas qualitativamente diferentes por que passa o desenvolvimento intelectual. O desenvolvimento intelectual faz-se por etapas sucessivas em que as estruturas intelectuais se desenvolvem progressivamente. Cada novo estágio representa uma forma de equilíbrio cada vez maior, que permite uma adaptação mais adequada às circunstâncias.

Em todos os estádios existe uma interação entre o sujeito e o mundo, feita através da assimilação e da acomodação e os dois mecanismos possibilitam a construção das novas estruturas ou esquemas. Inicialmente são esquemas de ação que quando interiorizados se transformam em esquemas operatórios.

Podemos explicar o desenvolvimento através de diferentes fatores, como a hereditariedade, a maturação interna, que não atua sozinha e por isso é um fator insignificante, o segundo fator é a experiência física, a ação dos objetos onde a lógica da criança em especial, advém das ações exercidas sobre os objetos, o terceiro fator prende-se com a educação, que no entanto, por si só é insuficiente, sendo necessária a assimilação por parte da criança e o quarto fator é o equilíbrio entre os três fatores anteriores.

Entre 11 e 15 anos Piaget (1996) afirma que durante a adolescência desenvolve-se a inteligência formal, que significa a entrada num domínio novo que é o do pensamento puro.

Assim, nesta fase, o adolescente é capaz de raciocinar sobre hipóteses abstractas, ou seja, proposições enunciadas verbalmente, ou através de outros símbolos, a partir dos quais se efetuam os encadeamentos típicos da lógica formal, desta forma, o adolescente já é capaz de raciocinar dedutivamente a partir de hipóteses, mas também é capaz de formular hipóteses para resolver um problema, as quais compara de forma sistemática na experiência, até encontrar a solução explicativa e mais adequada.

Esta atitude reflexiva é imbuída de um novo egocentrismo intelectual que se manifesta na convicção de que o seu pensamento está apto a resolver todos os problemas e de que as suas ideias são indubitavelmente as melhores.

Nesta fase, o adolescente é capaz de se colocar na perspectiva do outro, atingindo um novo equilíbrio eu - mundo.

Assim como Piaget na perspectiva cognitiva, também Freud considera que a compreensão do comportamento exige uma análise dos fenómenos psíquicos. Contudo, se a perspectiva cognitiva encara as pessoas como processadoras racionais de informação, a perspectiva psicodinâmica procura evidenciar aspectos em que a racionalidade humana falha: enfatiza as motivações inconscientes e o papel desempenhado pelas vivências emocionais infantis na estruturação da personalidade do adulto. Segundo Freud, o nosso aparelho psíquico ou estrutura da personalidade, é formado por 3 componentes ou sistemas motivacionais, também designados por instâncias do eu ou instâncias de personalidade, são elas o id, o ego e o superego.

O id, também designado por infraeu ou infraego, é constituído por todos os impulsos biológicos, como a fome, a sede e o sexo, que exigem satisfação imediata. É o fundamento da sobrevivência individual e da espécie.

O superego, também chamado super eu, é formado pelo conjunto de regras e proibições impostas primeiramente pelos pais e depois pela sociedade em geral e que foram interiorizados pelo indivíduo. É o fundamento da moral.

O ego, também chamado eu, é o elemento decisivo dos conflitos travados entre o id e o superego, é, portanto, o fundamento racional da personalidade humana.

Segundo Freud, estas três instâncias estabelecem entre si uma relação dinâmica, muitas vezes conflituosa, de que resulta a conduta das pessoas. Assim, o comportamento de umas pessoas compreende-se pela supremacia do id e o comportamento de outras se compreende pela supremacia do superego.

O nível genético, o id é o primeiro elemento, nasce com a criança, sendo a única motivação do bebê nos primeiros meses de vida, o que significa que a energia psíquica deriva apenas de tendências instintivas de natureza biológica, cujo único objetivo é a satisfação imediata na busca exclusiva do prazer.

O ego, de acordo com a teoria psicanalítica, surge relativamente cedo, à medida que a criança vai experimentando e se vai apercebendo de privações e recusas no mundo exterior. O ego tem por função orientar as pulsões de acordo com as exigências da realidade, tornando possível a adaptação do indivíduo ao mundo externo, de forma a ficar apto a enfrentar situações geradoras de ansiedade.

Sendo o “árbitro” na luta entre as pulsões inatas e o meio, o ego desenvolve um conjunto de mecanismos de defesa que exercem um controlo inconsciente sobre as pulsões que ameaçam o equilíbrio psíquico do indivíduo, canalizando-as para formas indiretas e substitutivas da obtenção do prazer.

O superego constitui a moral do indivíduo e tem a sua origem na relação da criança com os pais, que lhe fazem exigências, interdições e ameaças que pesam sobre a criança. Este controle imposto a partir do exterior tende a ser interiorizado, pelo que por volta dos sete anos, o superego é já uma instância interna que atua de modo automático e espontâneo. O superego é formado então por princípios morais e representa um conjunto de valores nucleares como a honestidade, o sentido de dever e de responsabilidade, as obrigações.

Freud (1933, p. 34) considera que o adolescente está no Estádio Genital, desencadeado depois da puberdade, nesta fase, a sexualidade desperta de novo e com grande intensidade, fato explicável pela maturação orgânica e aos impulsos desencadeados pela conseqüente produção de hormônios sexuais. Este estágio torna-se assim uma repetição dos períodos precedentes, pelo que se reativam os conflitos vividos na infância. O complexo de Édipo é revivido pelo adolescente de uma forma muito especial, o amor vivido no período fálico em relação ao progenitor do sexo oposto é agora canalizado para uma atração heterossexual por pessoas alheias ao universo familiar. A satisfação dos impulsos da libido é procurada pela prática de atividades sexuais de natureza genital.

Os jovens que atingem este estágio após terem resolvido os conflitos inerentes às fases anteriores, estão preparados para o exercício de atos ligados à reprodução, bem como para assumir as responsabilidades da idade adulta. Não há fixação neste período, visto ser a última etapa do desenvolvimento psicosssexual.

A perspectiva de Erikson caracteriza-se pela sua ênfase nos aspectos psicossociais, apesar de discípulo de Freud, discorda da teoria deste psicólogo, nomeadamente os aspectos de valorização exagerada da energia libidinal como chave explicativa do desenvolvimento; redução do desenvolvimento aos períodos que decorrem da infância à adolescência; subestimação das interações indivíduo-meio; privilégio concedido à vertente patológica da personalidade.

Erikson (1976, p. 35) apresenta uma teoria de desenvolvimento, cujos pressupostos são: a energia que orienta o desenvolvimento é essencialmente de natureza psicossocial, havendo, portanto uma valorização interação entre a personalidade em transformação e o meio social; o desenvolvimento é um processo contínuo que se inicia com o nascimento e se prolonga até ao final da vida; a personalidade constrói-se à medida que a pessoa progride por estádios psicossociais que, no seu conjunto, constituem o ciclo da vida; em cada estágio manifesta-se uma crise que é vivida em função de aspectos biológicos, individuais e sociais.

A crise consiste num conflito ou dilema que deve ser resolvido, sendo que existe uma solução positiva e negativa para cada um deles; os conflitos estão, desde o nascimento, latentes no indivíduo, só se tornando patentes e predominantes em fases específicas da vida; quando as crises são resolvidas de forma positiva, resultam em equilíbrio e saúde mental, já as soluções negativas das crises conduzem ao desajustamento e ao sentimento de fracasso; ajustamento ou desajustamento não são situações ou estados definitivos.

Erikson (1976, p.25) complementa afirmando que:

[...] à crise é fundamental para a construção da personalidade, que se desenvolve em função da resolução de crises sucessivas. De acordo com a forma como a crise for resolvida, a pessoa situar-se-á mais ou menos adequadamente no contexto social. As crises psicológicas permitem ao indivíduo adquirir sentimentos, como confiança em si próprio, autonomia, iniciativa, ou, ao invés, falta de confiança, sentimentos de inferioridade e culpabilidade, surgem ao longo da vida, distribuídas por oito idades, em cada uma das quais aparecem virtudes específicas. Erikson emprega o termo virtude com o significado de uma aquisição positiva que ocorre

quando a resolução da crise é favorável. Esta aquisição constitui um ganho psicológico emocional e social que se pode traduzir por um valor, por uma característica de personalidade, por uma competência, por uma qualidade pessoal ou por um sentimento.

Para o autor o conflito próprio dos doze aos vinte anos é identidade versus confusão. Nesta idade, o adolescente apercebe-se da sua singularidade como pessoa, adquirindo a noção de que é um ser único, com identidade própria, mas inserido num meio social onde tem vários papéis a desempenhar, pelo que o adolescente vai ter de integrar diversas auto-imagens: jovem, amigo, estudante, seguidor, líder, trabalhador, homem ou mulher numa única imagem e é a partir dela que escolhe uma carreira profissional e um estilo de vida.

Se nos períodos anteriores conseguiram obter confiança básica, autonomia, iniciativa e diligência, os adolescentes constroem mais facilmente a sua identidade. Se pelo contrário, manifestam dificuldades em saber o que são o que querem que opções façam e que papel desempenhar, vivem situações difíceis de confusão e indecisão.

A virtude desenvolvida nesta fase é a lealdade (para com si próprio) ou fidelidade. Este período aproxima-se ao estágio genital da teoria de Freud.

Portanto o desenvolvimento psicológico do indivíduo e o meio em que ele interage faz a diferença no desenvolvimento de sua personalidade e que se nas fases anteriores a adolescência tiveram um bom desenvolvimento uma boa receptividade dos acontecimentos de seu crescimento terão suporte e maturidade para transição diante da sociedade, portanto Piaget, Freud e Erikson com discursos diferentes chegam à mesma conclusão.

2.3 A VIOLÊNCIA: NATURAL OU SOCIONATURAL?

A violência preocupa estudiosos, autores procuram uma definição para fenômeno, quando se fala em violência o raciocínio é automático, direciona-se a armas, a morte, a violência física, crueldade, entre outros.

Estudiosos como sociólogo Michaud (1989), filósofa Chauí (1998) e a antropóloga Zaluar (1999) buscam significado ao tema e no ponto de vista deles é difícil chegar ao veredicto da definição então recorrem ao latim para explicar seu entendimento de violência e chega a seguinte conclusão que é necessário refazer

uma análise do processo civilizatório para melhor entender que este processo teve falhas e que mesmo com todos seus controles, disciplinas e racionalização não foi suficiente para impedir a barbárie, a violência é tudo que abrange a força para ir contra a natureza de algum ser, constitui a idéia de força, emprego de força física a qual ganha uma dimensão violenta quando ultrapassa limites socialmente estabelecido com regras ou convenções que ordenem relações.

Para o psicanalista Costa as teses são questionadas quanto ao aproximar violência e instinto de agressivo, ele sugere em seus argumentos que a diferença entre a agressividade animal e a violência humana é que esta ultima traz a marca do desejo, no entanto a violência é um emprego desejado da agressividade com fins destrutivos.

2.4 MÍDIA E VIOLÊNCIA

A mídia tem papel fundamental, quando divulga a violência de modo geral, baseado na fala de Bicudo (1994, p.24) a mídia direciona-se pelo lado negativo, ela tem poder de induzir, instigar, fazer heróis e fazer delinqüentes, mostrando o lado obscuro do mundo.

Segundo Abramovay (2002) no relatório da UNESCO afirma que a mídia por meio de propagandas, desenhos animados, filmes, novelas divulgam atos violentos induzindo e evidenciando o prazer que causam.

Evidentemente não se defende aqui a censura do meio de comunicação em geral, mas o cuidado ao apresentar a realidade que leve um debate aberto sobre a questão propiciando alternativas de prevenção e recuperação das normas do bom convívio em sociedade.

Estabelecer a relação entre a escola e violência torna-se um desafio teórico a ser enfrentado pelos professores, cabe ressaltar que a mídia produza diariamente informações e relate fatos sobre a violência. Há que se ter esse cuidado, pois, cabe a nós, professores, constituir uma relação permanente com a ciência e conhecimento e não com a informação midiática: "A mídia não descreve apenas o que chama de violência, ela também participa da sua construção, é também um dos atores desse drama social."(MISSE, 2006, p.26).

É necessário que se pense criticamente sobre a relação mídia e violência, principalmente no contexto da escola, para que se qualifique os níveis de informação

e conhecimento. A mídia torna-se, assim, uma espécie de arauto do caos, que se explica a partir do cotidiano social, o qual se reflete diretamente no processo pedagógico,

Quando nós verificamos o tratamento que a mídia dá ao tema, nós vamos constatar o mesmo tipo de configuração imaginária. Assim, qualquer coisa pode ser encapsulada na categoria de "violência", e, desse modo, pode produzir um discurso histérico sobre o problema que nós enfrentamos. (MISSE, 2006, p. 21).

Há que se constituir uma relação pedagógica (relação ensino/aprendizagem) entre o processo de violência escolar e o processo de conhecimento, cabe desenvolver e fortalecer a relação do professor com o campo do conhecimento, fortalecendo a compreensão de que a violência na escola é também ao mesmo tempo uma relação social que está intrínseca á prática pedagógica.

2.5 VIOLÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Chamam-nos atenção que nos últimos anos o local que antes trazia a característica de civilidade passa a ser palco de atos de incivilidade trazendo insegurança aos que freqüentam.

Debarbieux (1999, p.15) aponta que a violência na escola tem três dimensões sócio organizacionais distintas:

Em primeiro lugar, à degradação no ambiente escolar, isto é, a grande dificuldade de gestão das escolas, resultando em estruturas deficientes. Em segundo, a uma violência que se origina de fora para dentro das escolas, que as tornas sitiadas. Em terceiro lugar, relaciona-se a um componente interno das escolas, específico de cada estabelecimento.

Quando abordamos o tema violência nas escolas através de entrevista com professores e orientadores, podemos constatar que na escola pública a violência está relacionada a agressões verbais dentro da instituição, na qual são tomadas a providencias cabíveis, no entanto os jovens acabam querendo acertar as “contas” fora da escola.

Segundo Minayo et al. (1999), as instituições escolares apresentam três atitudes básicas em relação à violência: quando ocorre no âmbito doméstico, se omitem; quando cometida por aluno(s), reprimem; quando cometida por professor, minimizam ou acobertam.

Os educadores devem estar sempre atentos aos atos de provocação de alguns alunos, pois como afirma Cambridge na Revista Nova Escola (2000, p.20) ao realizar um estudo verificou que muitos dos delinqüentes de sexo masculino que havia recebido uma ou duas condenação durante a adolescência não reincidiam em praticas infratoras na idade adulta.

A escola é um ponto importante nessa tarefa de solucionar o problema da violência e delinqüência de adolescente, jovens e, até mesmo de crianças, pois, como espaço privilegiado de convívio e de formação da pessoa, precisa ter qualidade e se integrar à comunidade a sua volta social já existente. Nessa perspectiva, ela é uma instância social voltada à transformação dos indivíduos, tornando-os autônomos, críticos, criativos e produtivos, capazes de desenvolver habilidades, de construir conhecimentos e de se apropriar dos valores éticos, necessários à convivência social.

Candau (1999), diz que hoje as manifestações de violência nas escolas vêm preocupando bastante pais e educadores. Em decorrência disso, é importante lembrar que existem diversas formas de violência que acontecem por diversos motivos que acabam afetando o cotidiano escolar. Alguns pesquisadores e pesquisadoras falam da necessidade de se fazer um estudo objetivando buscar as causas para que, possa ser trabalhada tal problemática, durante as práticas pedagógicas, a fim de que sejam amenizadas.

No cotidiano diversas situações chegam a afetar as instituições escolares, visto que o envolvimento dos alunos com brigas geram a formação de grupos rivais que são estendidos ao próprio espaço escolar, como também nas suas proximidades.

Se as famílias, os técnicos que em diversas circunstâncias se cruzam na vida das crianças, as instituições na generalidade, adaptassem o princípio defendido por Petrus (1997) diz que os delinquentes juvenis são crianças carentes e como tal, são primeiramente crianças e, só depois, delinquentes, muitos dos problemas com que nos deparamos em idades juvenis ou adultas, seriam evitados por uma ação adequada e a tempo.

Como afirma Strecht (2003) a prevenção tem um papel fundamental do controlo da delinquência juvenil visto que as crianças emitem sinais suficientemente fortes para serem ouvidos e para que sejam tomadas as atitudes mais concertadas ilustrando o desenrolar de uma vida emocional instável enquanto criança para uma vivência violência na adolescência, com os seguintes termos:

Tal como nos carros que correm para o desastre, a marcha destas vidas (pré - delinquentes) é sempre previsível. Ninguém chega a delincente por obra do acaso. A caminhada é, várias vezes, reversível, e não raramente passa pelas nossas mãos. Mas quem vê quem escuta quem pára, ou quem muda de rumos para acudir, para cuidar, para mudar? (STRECHT, 2003, p.16)

É preciso a retomada dos conceitos éticos onde os valores e regras são abordadas para desenvolver a cidadania para o convívio harmonioso dos seres humanos, os quais têm seus direitos e deveres diante da sociedade tornando cada qual responsável pela suas atitudes e ações.

De acordo com a pesquisa nacional sobre a violência da UNESCO (2001, In: Abramovay, 2002) os alunos dizem que há professores que tem dificuldade de dialogar com eles, humilhando-os e ignorando completamente seus problemas, recorrendo a agressões verbais e expondo-os ao ridículo quando eles não entendem algo.

O artigo publicado a revista NOVA ESCOLA, a autora Schiling diz que: Uma relação de amor... e ódio os alunos dizem: “ Estudar é bom, é um jeito de sonhar com uma vida melhor, se preparar para arrumar um trabalho”, no entanto o relato mostra uma outra face:

Mas é aqui também que eles conhecem as agruras de estudar em espaços maltratados, sofrem com o descaso e o desrespeito de tantos professores e funcionários, se irritam com aulas desinteressantes e exercícios sem sentido, se incomodam profundamente em serem tratados aos berros ou com meros adolescentes. Essa mesma turma se angustia ao perceber que não fala a mesma língua que seus mestres e tem plena consciência de que a violência é uma via de mão dupla – se eles se colocam no papel de vítima muitas vezes, sabem perfeitamente que são responsáveis por provocar conflitos e contribuir para a depredação do patrimônio. (NOVA ESCOLA, 2006, p. 34 - 35)

Em outro artigo publicado também na mesma revista diz que é comum as escolas reproduzirem os estigmas e as discriminações sofridos pelos alunos fora delas. Pior ainda, ao falhar na função de ensinar, elas afastam as crianças e cometem uma das mais nocivas formas de violência. “Trabalhamos com um aluno idealizado e abstrato”, afirma Schilling (2006), autora de um livro sobre o tema e salienta ainda:

Na sala de aula, conhecemos seus nomes e rostos, mas não sabemos de onde vieram seus pais, como vivem, com quem se relacionam. O espaço escolar acaba habitado por pessoas que se desconhecem e, portanto, se temem. (SCHILING, 2006, p. 24 - 25)

Muitos professores tendem a atribuir suas dificuldades a fatores externos e mitos, como as “famílias desestruturadas”. Na verdade, as classes populares têm uma divisão de trabalho muito boa para lidar com os desafios da sobrevivência, observa Abramovay (2002), e ainda completa que a solução para amenizar a violência é democratizar a escola.

A autora acredita que a ação que ajudará o fim da violência nas instituições é o desdobramento do programa “Abrindo Espaços”, que tem por objetivos a

construção de uma cultura de paz, de educação para todos e ao longo da vida, o combate à pobreza, sua erradicação e a construção de uma nova escola para há o século XXI (UNESCO, Abrindo Espaços, 2001, p.17).

Desde o ano de 2009 no Rio de Janeiro, as Escolas de Paz já foram adotadas por cerca de 200 estabelecimentos da rede estadual de educação, muitos dos quais já experimentam diversas melhorias nas relações que mantêm tanto com os jovens e com suas famílias quanto com as comunidades. O depoimento de uma diretora reflete as amplas possibilidades que o Programa vem oferecendo ais seus participantes:

Para nós aqui da escola, o Programa tem funcionado muito bem. (...) Já dá pra sentir diferença em vários jovens depois que a gente começou a trabalhar com eles valores como solidariedade, respeito, justiça. Muitos pais que antes nem apareciam aqui, agora, sempre que podem, dão uma passadinha aos sábados para ver os filhos ou participar das atividades. Também vem muita gente daqui mesmo da comunidade. (...) A escola mudou e foi pra melhor! (UNESCO, 2001, p. 35)

Essa não é uma opinião isolada: também é bastante significativo o nível de aprovação alcançado pelo Programa junto à maior parte dos demais envolvidos, entre jovens, professores, animadores e membros das comunidades.

Para Freire o papel do professor diante da violência é que podemos não ser capazes de mudar as representações da violência nos meios de comunicação. Mas temos a habilidade de transformar a maneira como os estudantes pensam o problema. As formas mais progressivas de estudo da questão nos Estados Unidos estão baseadas em três premissas. Primeira: não termos poderes para censurar a mídia. Segunda: o silêncio dos educadores em torno do tema vai à direção de aceitá-lo como “normal”.

A terceira premissa é a que condena a violência com um método tão contraproducente como à estratégia de “simplesmente dizer não”, utilizada erroneamente no combate às drogas.

2.6 A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E O DESAFIO DA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

Uma educação conscientizadora e emancipadora, que garanta qualidade de ensino e acesso a cidadania e a democracia, tem sido proposta tanto pela Nova Lei de Diretrizes e Bases da educação (1996), quanto pela Constituição Federal do Brasil (1988).

Conforme a Lei Federal nº. 9.394/96 (LDB), art. 2º: “a educação... tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Educar para a cidadania tem sido a preocupação que tem centralizado as discussões sobre os valores inerentes a essa formação. Porém pode permanecer a dúvida sobre o que vem a ser educar para a cidadania.

Sob esse ponto de vista da cidadania traz uma certa ambigüidade para a identidade do homem, pois se na esfera individual cada um é único e inigualável, na esfera pública cada um é cidadão e pelo menos em teoria, igual a todos os outros, quanto aos seus deveres, direitos e privilégios decorrentes do correto exercício de sua cidadania. É nesse momento que o jovem pode vir a se utilizar do que Chauí (1994, p.24) denomina de “contraviolência” (assim considerada por ela como um tipo de reivindicação de direitos), para garantir que seja considerado um sujeito, ou melhor, alguém dotado de direitos, podendo no mínimo, desfrutar de certa condição que lhe deveria ser assegurada e não o é.

O cotidiano escolar tem sido marcado por todo o tipo de atitudes chamadas de violentas. Desde uma simples agressão verbal a um colega ou professor, passando pela depredação do prédio público culminando muitas vezes em casos de assassinato de aluno ou professor.

A educação para a cidadania requer muito mais do que a simples criação de oportunidade de participação dos alunos em alguns eventos proporcionados pela escola, porém este pode ser um começo. Pode ser um ponto de partida para um envolvimento maior com o espaço público e uma possível identificação com o mesmo. Para que haja uma educação de cidadãos, é preciso que acima de tudo os indivíduos, vistos como iguais, tenham a oportunidade de dialogar, expor seus anseios, necessidades e opiniões para que a escola passe a ser vista como local de troca, de relacionamento interativo, e não de imposições e regras, que muitas vezes não condizem com sua realidade.

Uma vez que a cidadania só adquire forma própria quando provém do indivíduo, é primordial a existência dele para que ela deixe de ser algo apenas

teórico ou privilégio de alguns, e passe a permear as relações sociais e políticas. O relacionamento que o indivíduo mantém com o espaço público nos permite exatamente perceber se esse espaço tem correspondido aquilo que se esperava dele ou não. Assim, existe a possibilidade de que esta violência, compreendida simplesmente como agressividade, seja um meio encontrado pelos indivíduos para reivindicar esse espaço público que lhes vem sendo segregado.

2.7 COMO ENFRENTAR AS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIAS

Apontar ações de enfrentamento de violência requer diferenciar a relação estigmatizada de violência e poder, as concepções é de fundamental importância para a discussão de situações de conflitos, poder e violência e proposição de ações de redução da violência no ambiente escolar, a partir das ações coletivas construídas com o reconhecimento dos sujeitos envolvidos na reconstrução do lugar em que cada um ocupa: o professor; o aluno; o gestor; as instâncias colegiadas e a comunidade escolar, ou seja uma gestão democrática.

Schilling (2005, p.47), sugere como referencial de ações, a partir da realidade de cada Estabelecimento de Ensino os seguintes passos:

- Viabilizar junto a comunidade escolar um diagnóstico sobre violências, que contemple os tipo de violências, a frequência que ocorrem e estabelecer um paralelo com os tipos de violências apontadas,
- Realizar um mapeamento das da violências da escola, na escola e contra a escola a partir das queixas dos profissionais da educação e dos alunos para verificar o diagnóstico;
- Realizar um levantamento do espaço social e geográfico para verificar possíveis situações de violência na comunidade e seu entorno;
- Proporcionar um trabalho coletivo a partir das discussões dos dois grandes eixos: explicitar e conectar (Schilling) – explicitar, a fim de viabilizar o trabalho de rede, interno, no ambiente escolar e, externo, com instituições parceiras;
- Propor ações valorize e reforce o papel da escola como ambiente que proporciona a construção histórica e crítica do saber.

A escola, para vencer seus desafios, precisa atualizar-se e transformar-se no que JULIATTO (2007, p. 63) denominou de “agência social especializada na formação integral das pessoas”. Deverá reunir em suas funções, não só instruir, mas educar e garantir direitos como comunidade que é, não só instruir, mas educar e

garantir direitos como comunidade que é, adequando-se aos direitos de crianças e adolescentes que despontaram com a reforma constitucional de 1988.

Para que os preceitos constitucionais e legais sejam cumpridos, é fundamental que os professores e toda equipe que trabalha na escola estejam preparados para identificar os sinais que muitas vezes, não estão visíveis a não ser com um olhar mais atencioso desta criança, que de uma forma ou de outra, revela o sofrimento ao qual está sendo submetida.

2.8 AS LEIS DA EDUCAÇÃO E DAS INFRAÇÕES

Um importante conquista da Constituição de 1988 foi definir, em seu artigo 208, parágrafo 1º, que o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo (BRASIL, 1988), conquista mantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96, no seu artigo 5º. (BRASIL, 1996), que assegura que: o acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e, ainda, o Ministério Público, acionar o Poder Público para exigi-lo. Essa LDB nº 9394/96, no inciso X, artigo 3º (BRASIL, 1996), é a primeira das leis educacionais brasileiras e expressar uma concepção de educação que ultrapassa os muros da escola, apoiando-se no princípio da valorização da experiência extra-escola. Assim, reconhecer a vinculação da educação com o mundo do trabalho e a prática social está assegurado no §2º, artigo 2º da LDB. (BRASIL, 1996, p. 38)

No Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) a relação de situações consagradas na legislação tutelar do referido diploma legal produz a necessidade de profundas adequações na grande maioria dos modelos educacionais, esse Estatuto propõe uma escola transparente e democrática, participativa e comunitária como um espaço cultura e de socialização de pessoas em desenvolvimento, uma escola formadora de cidadãos, pessoas preparadas para o exercício de diferentes e o cumprimento de deveres sinônimo de cidadania. Segundo a ECA artigo 106 nenhum adolescente será privado de sua liberdade senão em flagrante do ato inflacional.

Compete ao conselho tutelar atender à criança e ao adolescente, assim como a seus pais ou responsáveis, toda vez que se afigurar uma situação de risco

pessoal ou social. A importância do valor justiça para a formação do cidadão é evidente. Na realidade, as crianças ensinam muito aos adultos: basta observá-las e amá-las, dando-lhes afeto e carinho.

Cada sociedade, cada país é composto de pessoas diferentes entre si. Essa diversidade, frequentemente, é alvo de preconceitos e discriminações, o que gera conflitos e violências.

Na perspectiva da minimização da violência na escola é preciso que a escola desenvolva um trabalho de incentivo ao professor no sentido de se dedicar à leitura e a um planejamento mais reflexivo sobre a realidade do aluno, promovendo debates, discussões, que envolvem toda a escola e a comunidade no sentido de fazer valer seus direitos e deveres como cidadãos.

3. METODOLOGIA

3.1 Local da Intervenção

Esse trabalho será desenvolvido no Colégio Estadual Antonio Martins de Mello – Ensino Fundamental e Médio, mantido pelo Governo Estadual, está localizado na Av. Dr^a Fernandina do Amaral Gentile, nº 645, no município de Ibaiti – Pr, onde funciona o Curso Regular - 5^a a 8^a séries -, no período da manhã e tarde, e o Curso de Educação de Jovens e Adultos – EJA –, Fundamental e Médio, no período da noite. Esta Escola foi criada pela Lei Estadual nº. 2585 de 30 de janeiro de 1956, publicada no Diário Oficial nº. 270 de 02 de fevereiro de 1956, sancionada pelo e então Governador Adolfo de Oliveira Franco. Atualmente conta com 82 professores, O quadro de funcionários é composto por: 01 diretor, 02 diretores-auxiliares, 01 secretária, 04 professores pedagogos, 08 auxiliares administrativos e 14 auxiliares de serviços gerais.

3.2 Sujeitos da Intervenção

O projeto foi desenvolvido com os alunos da 5^a série do Ensino Fundamental, com idade entre 11 a 15 anos, período vespertino onde freqüentam em média 27 alunos na Escola Estadual Antonio Martins de Mello, pois encontram-se numa fase de transição para a adolescência, sendo caracterizadas por períodos de descobertas significativas, formação de personalidade, sendo nesta etapa da vida que o grupo de amigos atinge grande relevância social, também há um certo distanciamento das relações familiares.

O trabalho ocorreu em ambiente escolar para o desenvolvimento de ações educativas na prevenção da violência. As aulas serão ministradas pela própria pesquisadora dentro da disciplina de Geografia. O tema é pertinente ao projeto político pedagógico, as Diretrizes curriculares da disciplina de geografia e foi incluído no planejamento.

3.3 Descrição da trajetória da Intervenção

A proposta de intervenção faz necessário para orientar os alunos quanto a violência. Foi iniciada a partir de um plano de aula, com objetivo de despertar nos alunos do ensino fundamental a importância da violência, procurando estimular hábitos e comportamentos que melhorem sua condição de vida através de pesquisas em livros, revistas, internet e sites relacionados.

Procurou-se desenvolver nos jovens atitudes que os levem a incorporar a tolerância e repudiar a violência na sua própria identidade e ensinar a eles a competência de resolver conflitos e a implantação e o incentivo da democracia escolar.

Primeiro momento (encontro 1):

A pesquisa de intervenção na escola foi apresentada aos alunos primeiramente a partir de um contato inicial sobre o tema Violência nas Escolas, onde será aplicada as atividades que terá os seguintes procedimentos gerais de intervenção educativa:

- discussão entre pares. É proposto que os jovens participem de discussão e debates em grupos heterogêneos. Essa discussão tem por objetivo trazer para a reflexão conflitos da própria escola, notícias de jornal, etc.

- aprendizagem cooperativa. Procura-se com esta atividade desenvolver nos jovens responsabilidades e atitudes de solidariedade em grupos heterogêneos. Propõe-se para tanto que os jovens investiguem coletivamente sobre um assunto polêmico.

- Resolução de conflitos. Propõem-se situações que permitam aos jovens vivenciar experiências de resolver conflitos por meio de procedimentos de negociação

- Levar o tema violência para a sala de aula desde as séries iniciais é uma forma de trabalhar com um tema controverso e presente em nossas vidas, oportunizando momentos de reflexão que auxiliarão na transformação social.

Busquei trabalhar com os alunos ainda: recortes de jornais e revistas, pesquisas, filmes, músicas, desenhos animados, notícias televisivas, dentre outros os professores podem levantar discussões acerca do tema numa possível forma de criar um ambiente de respeito ao próximo, considerando que todos os envolvidos no processo educativo devem participar e se engajar nessa ação, para que a mesma não se torne contraditória.

Num primeiro momento foram questionados a respeito de seus conhecimentos sobre a violência, discussões e momentos de reflexão, o professor irá propor soluções e análises críticas acerca dos problemas a fim de que os alunos se percebam capacitados para agir como cidadãos. Foi realizado a partir deste contato inicial uma prévia de conhecimentos sobre o conceito de violência Simbólica.

Dividi o grupo em cinco sub-grupos para que realizem uma pesquisa de campo. Orientar a turma a observar durante o recreio alguns alunos individualmente, bem como grupos de alunos procurando identificar situações em que ocorre a violência simbólica. Os/as alunos/as deverão fazer essa observação com base em alguns pontos, a saber: crianças que colocam apelidos depreciativos nos colegas; situações de assédios, ofensas, situações de amedrontar, "gozações", ameaças, humilhações, agressões, violência física, discriminação, empurrões, exclusão, intimidação, perseguição, desprezo.

Afinal, a credibilidade e a confiança são as melhores formas de mostrar para os jovens que é possível vencer os desafios e problemas que a vida apresenta.

Segundo momento (encontro 2):

Num segundo momento foi explorado um vídeo que retrata a Violência, após assistirem o professor irá escrever na lousa as seguintes palavras: Atitude, Respeito, Consciência, Trabalho, ética, Solidariedade, Esperança, Justiça, Educação, Dignidade, Paz. Solicitei aos alunos que se sentem em trio para a seguinte atividade, escolher algumas destas palavras dentre das registradas na lousa para produzirem um texto com o título: "Violência do jeito que está não dá pra ficar".

Os alunos fizeram uma pesquisa de campo em sua comunidade, visitando comércios, bancos, e outros estabelecimentos para entrevistar as pessoas e se inteirar dos problemas de violência no bairro em que vive. Algumas perguntas importantes a serem feitas: Para vocês, existe violência em seu bairro? Quais as

formas de violência que você já sofreu ou presenciou em seu bairro? O que você considera que deva ser feito para mudar essa realidade? Depois com o auxílio do professor, deverão fazer uma reflexão sobre o resultado que aparecerem, procurando compreender, o motivo de haver mais violência em um bairro de que em outro, ou o motivo de todos os bairros se apresentarem, e assim por diante. A seguir os educando iram traçar uma tabela contendo informações contidas nos registros de cada aluno(a).

Terceiro momento (encontro 3):

Para o terceiro momento, foi trabalhado mais um vídeo “ A Paz”, através do vídeo explorei várias perguntas sobre a música, perguntando a eles o que sentiram ao escutá-la, o que o vídeo retratou para você? Como fazer para alcançar paz na escola? Em família? Você acha que a Paz é um sonho impossível? Por quê?

A sala foi dividida em sub-grupos para que construam uma paródia com o tema Paz na Escola a partir da melodia da música, a canção será preservada a melodia e os alunos deverão criar outra letra abordando a Paz na escola.

Em seguida a professora sugeriu uma apresentação cultural no horário do recreio ou em outro momento concedido pela direção pra que os alunos apresentem suas canções para outros colegas de escola.

Observei no decorrer da aula o envolvimento dos alunos, bem como o respeito pela fala do outro e do/a professor/a. Depois pedi aos alunos que façam uma reflexão sobre sua participação na aula e se auto-avaliem segundo alguns aspectos: consegui identificar situações de violência na escola? Participei efetivamente das discussões sobre violência e paz? Tenho consciência do meu papel no combate à violência? Solicitei aos alunos que planejem por escrito ações que rompam com a violência em sua comunidade.

Quarto momento (encontro 4):

Para o quarto momento trabalhei o exercício de percepção: Como a violência aparece na TV? Através da violência também é gerada por uma série de atitudes que estimulam posturas de discriminação, de desprezo pelo outro (e,

portanto, pela vida do outro, e por sua integridade pessoal e psíquica) e de agressividade desmedida e injustificada. O consumismo, a competitividade e o individualismo, estimulados pela mídia na sociedade neoliberal e convergem para a formação de pessoas violentas.

Depois do tema proposto pedi aos alunos durante uma semana observar anúncios, filmes, novelas, programas e noticiário da televisão selecionando pelo menos três imagens de violência que sejam focalizadas por este meio de comunicação;

- A partir de sua observação, descrever o que viu em um breve texto, emitindo sua opinião sobre os efeitos deste tipo de veiculação da violência na TV;

- Em sala, solicitar que alguns alunos apresentem à turma o resultado de seu trabalho, de forma voluntária (mas, recolher as contribuições escritas de todos);

- Em seguida, ouvir e, de preferência, cantar com eles a música Geração Coca-Cola, canção do Legião Urbana, com debate após (na letra V há outras letras de músicas);

Geração Coca-Cola

Letra: Renato Russo

Música: Dado Villa-Lobos/Renato Russo/Marcelo Bonfá

Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês nos empurraram
Com os enlatados dos USA, de 9 às 6.
Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez -
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês.

Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola.

Depois de vinte anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser?

Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então, vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis.

- Propus aos alunos que, em grupo, elaborem uma campanha publicitária contrária à violência, para ser veiculada através de um outdoor ou mural escolar.

Quinto momento (encontro 5):

No quinto momento junto dos alunos trabalhei em grupo: desenhos e palavras, perguntando a eles o que represente a violência para você? O que você acha da violência na escola? E o que você faria para acabar com a violência?

Com as respostas das pesquisas dos alunos, fizemos uma mesa redonda onde discutimos os assuntos. Os cartazes foram pregados na parede da sala.

Para dar continuidade neste projeto no dia 03 de Dezembro de 2010, convidei um representante da Igreja Metodista do Brasil, professor de escola dominical, Leonardo Morigi, para dar uma palestra no Colégio Estadual Antonio Martins de Mello, sala 04, para os alunos e alunas da 5ª G, os quais estavam estudando a disciplina de Geografia com o assunto Cidadania, pedi á ele que abordasse a “violência na escola”, então, ele enfatizou o assunto com palavras simples e muito claras. Entre os aspectos de sua apresentação, falou sobre:

- Diferença entre as classes sociais;
- Racismo;
- Homossexuais;
- “Bulling”;
- Influência dos meios comunicativos;
- Tipos de ameaça;
- Punições;
- “Gangues”;
- Conseqüências;
- Resolução do problema.

Depois de 45 minutos de palestra, os alunos e alunas puderam relatar o que ouviram e através de um diálogo comigo os mesmos chegaram a uma conclusão, que a violência na escola pode gerar mais violência e não leva a nada.

Através do relatório que os estudantes me entregaram pude perceber que eles entenderam muito bem o agravante da situação, disseram-me que gostaram da palestra e que aprenderam muito.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO

No decorrer dos meses de Outubro, Novembro e Dezembro que foi implantado o Projeto de Intervenção: Violência na Escola: Resgatar a Cidadania. Foi atendido 27 alunos da quinta série do Ensino Fundamental.

O Projeto de Intervenção se deu a partir das experiências, atitudes e informações recebidas em relação à violência, a qual cada um de nós encontra-se inserido num processo de diversos tipos de violência.

A proposta de Intervenção faz necessário para orientar os alunos quanto à violência, procurando estimular hábitos e comportamentos que melhorem sua condição de vida através de pesquisas de livros, revistas, internet e sites relacionados. A satisfação na realização deste trabalho é proporcionarmos aos educandos a reflexão sobre seus valores e os dos outros, procurando desenvolver nos jovens atitudes que levem a incorporar a tolerância e repudiar a violência na sua própria identidade e ensinar a eles a competência de resolver conflitos e a implantação e o incentivo da democracia escolar. A participação dos alunos foi de suma importância procuramos preencher as lacunas de informação, erradicar os preconceitos sobre os conflitos que impedem a transformação das informações em comportamento responsável com objetivo de despertar nos alunos do ensino fundamental à importância da violência, procurando estimular hábitos e comportamentos que melhorem sua condição de vida.

A pesquisa de intervenção na escola onde foi aplicada as atividades se dá pelos seguintes procedimentos na intervenção educativa: É proposto que os jovens participem de discussão e debates em grupos essas discussões tem por objetivo trazer para a reflexão conflitos da própria escola, notícias de jornal, etc.

Os resultados da pesquisa trouxeram importantes pistas para a compreensão de como os jovens lidam com a violência: para alguns, as violências se apresentam comuns e banalizadas, para outros como consequência da discriminação racial e da exclusão social, são vários os que se identificam como violências as que causam danos físicos, mas há os que reconhecem como tal aqueles que provocam dor, medo, tristeza, baixa auto-estima, desvalorização e não reconhecimento da dignidade como que todos merecem ser tratados. Os alunos afirmam que a violência nas escolas é uma das causas do desinteresse da falta de

concentração nos estudos, perda de dias letivos e da vontade de assistir as aulas, por ficarem, nervosos, com medo e inseguros, trazendo prejuízo para o desenvolvimento acadêmico e pessoal. Os alunos em seus depoimentos foram muitos participativos, em relação à prevenção e erradicação das violências nas escolas relacionando o conhecimento ético, a valorização do jovem, criação de um clima agradável e participativo, assumindo a importância da construção de uma cultura de paz, baseada na tolerância, solidariedade e compartilhamento em base cotidiana, uma cultura que respeita todos os direitos individuais que assegura e sustenta a liberdade de opinião, e com esta intervenção os alunos irão promover alternativas para a resolução de conflitos e a aplicar o que aprenderam com o projeto de combate à violência no ambiente escolar e comunitário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordarmos o assunto não tínhamos noção do real problema encontrado em relação à violência e adolescentes, precisamos primeiramente analisar o desenvolvimento emocional dos adolescentes para compreender como alguns chegam a cometer atos inexplicáveis, a violência na escola hoje analisa por vários fatores não só pela aquisição financeira, mas a que chama mais atenção é a falta de limites e o excesso de egocentrismo do adolescente.

A prevenção ainda é melhor caminho, pois é um trabalho informativo de conscientização, sendo essencial no combate da degradação do bem comum, surgindo desafios para comunidade, possibilitando conhecer novos conceitos, estimulando a criatividade e responsabilidade diante da convivência saudável.

E é precisamente na escola que as crianças imitem comportamentos que diariamente observam. Meios onde proliferam os maus tratos físicos e psicológicos, onde as privações, a promiscuidade, a baixa escolarização, a pobreza andam de mãos dadas. Neste campo, urge uma intervenção conjunta realmente eficaz, fornecendo à população em risco modelos de conduta adequados ao desenvolvimento afetivo, intelectual e moral de todos os implicados. Neste campo, urge uma intervenção conjunta realmente eficaz, fornecendo à população em risco modelos de conduta adequados ao desenvolvimento afetivo, intelectual e moral de todos os implicados.

A escolha do tema se deu após a investigação e observação sobre a violência na escola onde os alunos tiveram uma grande aceitação sobre o tema proposto mostraram-se aptos a montar um trabalho de intervenção.

O desenvolvimento deste projeto implementou as ações sobre violência nas aulas de Geografia, mas trouxe aos alunos oportunidades de participação, informações importantes de como os jovens pensam a respeito da violência, um envolvimento maior com o público para que haja uma educação de cidadãos, é preciso que acima de tudo os indivíduos, sejam vistos como iguais, tenham a oportunidade de dialogar, expor seus anseios, necessidades e opiniões para que a escola passe a ser vista como local de troca, de relacionamento interativo.

Conclui-se que o objetivo do estudo foi alcançado, e que houve mudanças positivas na escolha deste projeto, uma vez que os alunos se conscientizem dos problemas e desigualdades, possibilitando gerar solidariedade para combater a

violência, melhorando a relação da escola com a comunidade, depositando uma responsabilidade no tratamento da violência, mediante a criação de um ambiente de cooperação e que valorizem e mantenham o patrimônio da escola, o qual passa a ser visto como um bem coletivo.

O resultado final deste trabalho de produção textual foi muito gratificante, pois os alunos demonstraram ter entendido e puderam ter uma visão ampla sobre situações de violências em diversas escolas, com esta reflexão os alunos buscaram estratégias para a superação das violências nas escolas.

Assim sendo a educação tem absoluto papel em trabalho como o tema transversal que contribui de forma significativa na superação dos problemas sociais, preocupado e comprometido com a qualidade de vida, formando pessoas sensível, determinadas, críticas e transformadoras, em busca de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. **Escola e Violência**. UNESCO, UCB, 2002.

_____, M. **Violências nas escolas: versão resumida**/Miram Abramovay et alii. – Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.

BICUDO, H. **O Brasil cruel e sem maquiagem**. São Paulo: Moderna, 1994.

BRASIL. Leis. Constituição Federal. Brasília, 1988

CANDAU, V. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

CAMACHO, L.M.Y. **A violência nas práticas escolares de adolescentes**. ANPED-CDROOM, GT Sociologia da Educação, 2001.

CHARLOT, Bernard; ÉMIN, Jean-Claude (Coords). **Violences á l'école – état des saviors**. Paris: Masson & Armand Colin éditeurs, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. Brasiliense, São Paulo, 1994.

COSTA, J. F. **O medo social: reflexões para o futuro**. Veja 25 Anos, 1993.

DEBARBIEUX, E. (org.), COWIE, H. **Desafios e Alternativas: violência na escola**. Brasília, UNESCO. UNDP, 2003.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Trad. de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei 8069/1989.

FREUD, Sigmund. Por que a Guerra? In: **Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1933. Vol. XXII. CD-ROM.

GASPARIN, João Luiz; LOPES, Claudivan S. **Violência e conflitos na escola: desafios á prática docente**. Acta Scientiarum: Human and Social Sciences. V. 25, n.2 Maringá: UEM/PPG, 2003.

JULIATTO, Clemente Ivo. **Parceiros educadores: estudantes, professores, colaboradores e dirigentes**. Curitiba: Champagnat, 2007.

LEI DE DIRETRIZES E BASES – LDB. Lei nº 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm, acessado em 16/12/2008.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, M.C.S; SOUZA, E.R. **É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da Saúde Pública.** Ciência & Saúde Coletiva, v.1, n. 4, 1999.

MISSE, Michel. A violência como sujeito difuso. In: FEGHALI, Jandira; MENDES, Cândido; LEMGRUBER, Julita (Orgs) Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Cadernos Temáticos: Enfrentamento a violência na escola.** Imprensa Oficial. Curitiba: SEED – PR, 2008.

PIAGET, J. **O julgamento moral da criança.** São Paulo: Forense, 1996.

Patrulha Escolar Comunitária Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/patrolhaescolar/pt_oque.php>. Acesso em: 15 nov. 2007.

SCHILLING, Flávia. **Violência é assunto da escola, sim!** REVISTA NOVA ESCOLA. São Paulo. Abril 2000, 2004, 2006.

_____, F. **A Sociedade da Insegurança e a Violência na Escola.** São Paulo: Moderna, 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

UNESCO, **Abrindo Espaço: educação e cultura para paz.** Brasília. UNESCO, 2001.

SITES VISITADOS:

Disponível em <http://www.violenciaaescola.com.br> acessado 12/10/2010.

Disponível em <http://www.ministeriodaeducacao.org.br> acessado 12/10/2010.

http://www.mostreseuvalor.org.br/publicacoes/arquivos/silva_sales_recife.doc. Acesso: 26/09/2010.

<http://www.artigos.com/...violencia-na-escola.../artigo/html>. Acesso: 20/10/2010

NOGUEIRA, Ione da Silva Cunha - UNESP/Araraquara. **Uma educação conscientizadora** e... <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0506p.PDF> –html. Acesso: 30/09/2010

APÊNDICES

Dados da Aula

O que o aluno poderá aprender com esta aula

- 1) Planejar ações que rompam com a violência simbólica na sua escola e na sua comunidade.
- 2) Sensibilizar-se com toda forma de violência e humilhação, opondo-se à ela.
- 3) Cultivar a paz na escola.

Duração das atividades

Duas ou mais aulas de cinquenta minutos

Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno

Professor/a, para essa aula é fundamental que os/as alunos/as tenham conhecimento sobre o conceito “violência simbólica”. Assim, sugere-se que você utilize as aulas intituladas "VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: O QUE É? ONDE ESTÁ?" e "APRENDENDO A LIDAR COM A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA", publicadas no Portal do Professor.

Professor/a, mesmo tendo utilizado as aulas supracitadas sugere-se que seja retomado com os/as alunos/as o conhecimento deles/as sobre o conceito **violência simbólica**. Procure identificar se está claro para eles/as tal conceito e caso seja necessário apresente informações pontuais sobre o mesmo, a saber:

A violência simbólica não envolve necessariamente agressão física, mas relações de dominação entre as pessoas, ou entre grupos e indivíduos. Nem sempre a violência simbólica é percebida como violência, por parte de quem a sofre. Caracterizam-se como violência simbólica aquelas situações de violência velada, em que as pessoas ou um grupo são dominados, desrespeitados, humilhados. Pode ser considerada violência simbólica o fenômeno do *bullying* (violência psicológica) muito presente nas escolas.

Estratégias e recursos da aula

Atividade 1:

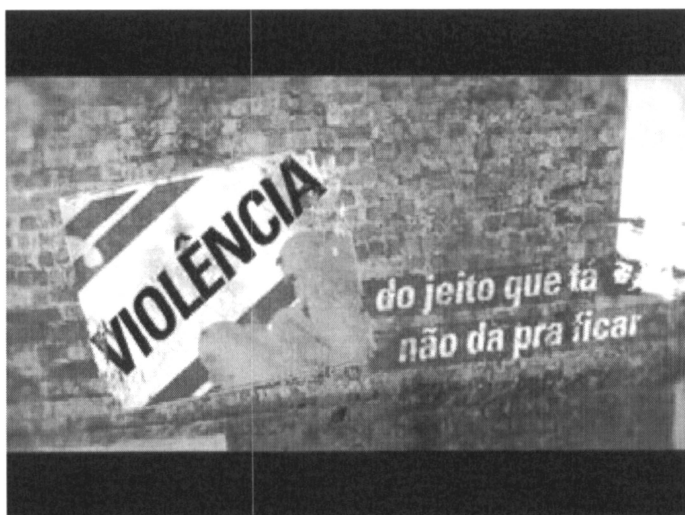
1º Momento: Dividir o grupo em cinco sub-grupos para que realizem uma pesquisa de campo. Orientar a turma a observar durante o recreio alguns alunos individualmente, bem como grupos de alunos procurando identificar situações em que ocorre a **violência simbólica**. Os/as alunos/as deverão fazer essa observação com base em alguns pontos, a saber: crianças que colocam apelidos depreciativos nos colegas; situações de assédios, ofensas, situações de amedrontar, “gozações”, ameaças, humilhações, agressões, violência física, discriminação, empurrões, exclusão, intimidação, perseguição, desprezo.

2º Momento: Os/as alunos/as deverão produzir um relatório sobre o que observaram para que apresentem aos/as colegas da sala. Essa etapa deverá ser cuidadosamente mediada por você, professor/a, para garantir o respeito e seriedade com que serão tratadas as informações trazidas pelos/as alunos/as. É fundamental que haja uma sensibilização dos/as alunos/as para adotarem uma postura ética e solidária perante situações de violência que porventura tenham presenciado.

3º Momento: Em duplas, os/as alunos/as deverão fazer propostas de ações para os/as alunos/as agressores, os professores/as desses/as alunos/as, os/as alunos/as agredidos para que se rompa com o círculo vicioso de violência dentro da escola.

Atividade 2:

1º Momento: Assistir o vídeo: **Clipe Violência**, disponível em: <http://vimeo.com/4462460>



Fonte: Canal Futura 2006, Super-16mm. Premiada no Promax 2006 Latin America. Troféu de Ouro, categoria Public Service Announcements.

2º Momento: Explorar o vídeo: O que o vídeo retrata? Que imagens do vídeo mais despertaram sua atenção? Quais foram às palavras que apareceram no vídeo? Em que circunstâncias costuma-se escrever PROCURA-SE? Como é aplicada essa palavra no vídeo? O que se procura por meio do vídeo?

3º Momento: Professor/a, escreva na lousa as seguintes palavras: ATITUDE, RESPEITO, CONSCIÊNCIA, TRABALHO, ÉTICA, SOLIDARIEDADE, ESPERANÇA,

JUSTIÇA, EDUCAÇÃO, DIGNIDADE, PAZ. Solicite aos/as alunos/as que se sentem em trios para que façam a seguinte atividade: escolher algumas palavras dentre aquelas registradas na lousa para produzirem um texto com o título: "VIOLÊNCIA: DO JEITO QUE ESTÁ, NÃO DÁ PRA FICAR!"

Atividade 3:

1º Momento: Os/as alunos/as deverão fazer uma pesquisa de campo em sua comunidade, visitando comércios, bancos, e outros estabelecimentos para entrevistar as pessoas e se inteirar dos problemas de violência no bairro em que vive. Algumas perguntas importantes a serem feitas: Para vocês, existe violência em seu bairro? Quais as formas de violência que você já sofreu ou presenciou em seu bairro? O que você considera que deva ser feito para mudar essa realidade?

Caso o entrevistado diga que não há violência em seu bairro, sugira aos/as alunos/as que perguntem: Por que você acha que não há violência em seu bairro?

Professor/a, defina que os/as alunos/as entrevistarão de três a cinco pessoas do bairro garantindo a efetivação da pesquisa.

2º Momento : Os alunos deverão levar as respostas para serem categorizadas e colocadas em uma tabela. Nesse momento é fundamental que haja a participação de todos do grupo para esclarecer informações contidas nos registros de cada aluno/a.

3º Momento: Os/as alunos/as, com auxílio do/a professor/a, deverão fazer uma reflexão sobre os resultados que apareceram, procurando compreender, por exemplo, o motivo de haver mais violência em um bairro do que em outro, ou o motivo de todos os bairros se apresentarem violentos, e assim por diante.

4º Momento: Construir uma carta endereçada ao presidente do bairro, líder da comunidade ou prefeito apresentando os dados da pesquisa e solicitando medidas de segurança para romper com a violência no bairro. É importante que essa carta seja, de fato, enviada aos responsáveis.

Atividade 4:

1º Momento: Assistir ao Vídeo: **A PAZ**, disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=nC-pTIfE37Q>



Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=6EhVRC_suNE

2º Momento:

Explorar com os/as alunos/as: O que vocês sentiram ao ouvir essa música? O que o vídeo retratou? Para vocês o que é a Paz? Como fazer para alcançar paz na escola? E em família? Você acha que a Paz é um sonho impossível? Por quê?

3º Momento:

Dividir a turma em sub-grupos de cinco alunos para que construam uma paródia com o tema Paz na Escola a partir da melodia dessa música. Caso os/as alunos/as não saibam o que é uma paródia esclareça que se trata de um texto que é construído a partir de um outro. No caso dessa canção, será preservada a melodia e os/as alunos/as deverão criar uma outra letra abordando a Paz na escola.

4º Momento:

Professor/as, sugere-se que você programe uma apresentação cultural no horário do recreio ou em outro momento concedido pela direção para que os/as alunos/as apresentem suas canções para outros/as colegas da escola.

Recursos Complementares

Violência simbólica, estruturas e conseqüências, disponível em:

<http://www.verdestrigos.org/wordpress/?p=925>

Artigo: Violência simbólica nos rituais legitimadores dos processos escolares – fenômeno *bullying* no ambiente escolar, disponível em:

http://www.pucpr.edu.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/255_754.pdf

Artigo: **O papel da educação na legitimação da violência simbólica**, disponível em :

http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_20/violenciasimbolo.html

<http://www.verdestrigos.org/wordpress/?p=925%20>

Avaliação

Professor/a, a avaliação deve ser processual. Observe no decorrer da aula o envolvimento dos/as alunos/as, bem como o respeito pela fala do outro e do/a professor/a. Proponha que os/as alunos/as façam uma reflexão sobre sua participação na aula e se auto-avaliem segundo alguns aspectos: conseguiu identificar situações de violência na escola? Participei efetivamente das discussões sobre violência e paz? Tenho consciência do meu papel no combate à violência? Solicite aos/as alunos/as que planejem por escrito ações que rompam com a violência em sua comunidade.

4. Violência - comportamento, gostos e atitudes

A violência também é gerada por uma série de atitudes que estimulam posturas de discriminação, de desprezo pelo outro (e, portanto, pela vida do outro, e por sua integridade pessoal e psíquica) e de agressividade desmedida e injustificada. O consumismo, a competitividade e o individualismo, estimulados pela mídia na sociedade neoliberal e convergem para a formação de pessoas violentas.

Exercício de percepção: Como a violência aparece na TV?

Atividades:

4.1. Os alunos terão uma semana para observar anúncios, filmes, novelas, programas e noticiário da televisão selecionando pelo menos três imagens de violência que sejam focalizadas por este meio de comunicação;

4.2. A partir de sua observação, descrever o que viu em um breve texto, emitindo sua opinião sobre os efeitos deste tipo de veiculação da violência na TV;

4.3. Em sala, solicitar que alguns alunos apresentem à turma o resultado de seu trabalho, de forma voluntária (mas, recolher as contribuições escritas de todos);

4.4. Em seguida, ouvir e, de preferência, cantar com eles a música Geração Coca-Cola, canção do Legião Urbana, com debate após (na letra V há outras letras de músicas);

Geração Coca-Cola

Letra: Renato Russo

Música: Dado Villa-Lobos/Renato Russo/Marcelo Bonfá

Quando nascemos fomos programados
 A receber o que vocês nos empurraram
 Com os enlatados dos USA, de 9 às 6.
 Desde pequenos nós comemos lixo
 Comercial e industrial
 Mas agora chegou nossa vez -
 Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês.

Somos os filhos da revolução
 Somos burgueses sem religião
 Nós somos o futuro da nação
 Geração Coca-Cola.

Depois de vinte anos na escola
 Não é difícil aprender
 Todas as manhas do seu jogo sujo
 Não é assim que tem que ser?
 Vamos fazer nosso dever de casa
 E aí então, vocês vão ver
 Suas crianças derrubando reis
 Fazer comédia no cinema com as suas leis.

4.5. Propor aos alunos que, em grupo, elaborem uma campanha publicitária contrária à violência, para ser veiculada através de um outdoor ou mural escolar.

5. VIOLÊNCIA

5) Entregar um cartolina para cada grupo, para responder as seguintes perguntas: (em desenho ou palavras).

*O que representa violência para você?

*O que você acha da violência na escola?

* O que você faria para acabar com a violência?

6) Pedir para os alunos pesquisar em casa com os seus responsáveis outros tipos de violência e trazer para nosso próximo encontro.

7) Com a respostas da pesquisa dos alunos, faremos uma mesa redonda onde vamos discutir os assuntos.

8)Dúvidas serão pesquisadas na internet.